

A TRIBUNA DE GÓRGIAS: LINGUAGEM, RETÓRICA E OPORTUNIDADE

GORGAS THE PUBLIC SPEAKER: LANGUAGE, RHETORIC, AND TIMING

FERNANDO CZEKALSKI*

Resumo: Este artigo visa destacar a concepção retórica de Górgias de Leontinos. Mais conhecido como sofista e niilista, seu pensamento sobre o discurso, suas possibilidades e finalidade baseado no *kairós*, nos faz repensar o legado de Górgias não apenas para a retórica em geral mas, inclusive, para a filosofia da linguagem.

Palavras-chave: retórica; linguagem; *kairós*.

Abstract: This article outlines Gorgias of Leontini's concept of rhetoric. Gorgias is best known as a sophist and nihilist, but what he had to say on the nature of discourse, its possibilities, and its teleological relation to *kairós*, should make us rethink his legacy, not only for rhetoric generally, but also for philosophy of language in particular.

Key-words: Rhetoric; Language; *Kairós*.

Parece sempre impossível que qualquer incursão sobre um elemento constituinte da cultura ocidental não acabe, cedo ou tarde, por retornar à Grécia. É nesta terra, afinal, que o ocidente costuma identificar sua origem. Nesta perspectiva, o retornar pode ser caracterizado como um nostálgico toque original com nossa procedência. Ao mesmo tempo, retornar pode ser entendido como nada mais nada menos do que o reconhecimento de que algo não corre bem, de que alguma coisa se corrompeu ou mesmo se perdeu no caminho. Pois esta é, justamente, a sensação que a retórica parece estimular. Uma arte que, desde a Grécia, atravessou os séculos mas cujo viço parece perdido. Pompa, artificialidade e até mesmo falsidade parecem constitui-la; e é assim, afinal de contas, que ela é percebida até pelos veículos que, voluntária ou involuntariamente, acabam por institucionalizar significados, ou seja, os dicionários.¹ Qualificar alguém de retórico constitui um eufemismo.

* Fernando Czekalski é pós-graduando na Pontifícia Univ.Católica de Porto Alegre, RS. E-mail: fecze@terra.com.br

¹ Nos dois mais importantes dicionários de língua portuguesa editados no Brasil, o significado de retórica não é dos mais nobres. Tanto o dicionário *Aurélio* quanto o dicionário

mo; eventualmente, é puro ultraje. Ele, o retórico, é o vilão do discurso e aliciador de razões desprotegidas, que sempre sucumbem ao seu encanto perverso. Retórica é prestidigitação verbal que envenena o espírito e o escraviza. É, em uma palavra, simulacro.

Este juízo, que eventualmente passa por contemporâneo, não é, realmente, tão contemporâneo como parece. É o juízo de Platão; ao menos, o Platão do diálogo *Górgias*. Este diálogo, antes mesmo de expressar a negativa concepção platônica sobre a retórica, expressa algo muito mais substancial, isto é, a relação historicamente tensa entre retórica e filosofia. Esta, surgida da admiração humana,² sempre foi respeitada por sua compleição verdadeira e límpida, sem pompa nem adornos. Aquela, surgida da necessidade pragmática,³ era apontada pelo seu meneio encantador, pelo brilho ofuscante e pelo espetáculo.

Embora o mesmo Platão tenha revisitado sua idéia original sobre a retórica no diálogo *Fedro*, devolvendo-lhe alguma credibilidade,⁴ o socorro não foi tão eficiente quanto o golpe por ele mesmo desferido no *Górgias*. Foi preciso que Aristóteles socorresse a arte, teorizando-a sob nova perspectiva em sua *Arte retórica*. Como resultado, o tratamento aristotélico a fez caminhar novamente sobre suas próprias pernas como uma heurística do discurso. E quando tudo, finalmente, parecia estar resolvido, um novo golpe atinge a arte, pois sua convalescença foi assistida por homens menos experimentados. Estes, preocupados apenas em recuperar sua bela expressão, acabaram por esquecer dos membros, atrofiando-os. Dito de outro modo, tratou-se excessivamente do Livro III d' *Arte retórica* de Aristóteles, que versa sobre o estilo. Virtualmente salva pelo Estagirita, ela, agora, via-se reduzida a uma simples teoria do estilo pelos que se propuseram a dela

Houaiss concordam, em seus respectivos verbetes, que adornos empolados, pompa e discursos vazios de conteúdo são próprios da retórica. De resto, o juízo é praticamente o mesmo nos dicionários das principais línguas de cultura no mundo ocidental, como o alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

² Sobre a admiração como estopim para o filosofar ver PLATÃO, *Teeteto* 155d e Aristóteles, *Metafísica*, 982b.

³ Sobre as querelas judiciais que parecem ter desencadeado o surgimento da retórica, ver Cícero, *Brutus*, § 46.

⁴ Isto, contudo, não decorre do fato de Platão repensar a retórica como autônoma e legítima. Ao contrário, se a retórica renovada de Platão possui alguma credibilidade, é somente porque o filósofo atrelou-a e subjugou-a à sua dialética. Em certo sentido, Platão 'dialetrizou' a retórica para nela aplicar cores filosóficas. Mesmo assim, aparece no *Fedro* um viés mais respeitoso. Em vista disso, nos animamos a dizer que, se no *Górgias* há uma condenação moral, no *Fedro* é a desconfiança mnemônica para com a escrita que impede Platão de assumir a retórica de modo mais efetivo.

tomar conta. A capacidade de trânsito dada por seus gêneros, o desprendimento para relacionar-se do modo adequado com as experiências mais desconcertantes dada por seus tópicos, a sutileza no provar pelo exemplo e pelo entimema e a sagacidade necessária para conduzir a alma pelo discurso foram subjugados pela beleza imanente à arte. Não compreenderam que sua beleza reside (e aparece) na sua articulação completa e não apenas em um de seus aspectos.

Tratar de infortúnios, contudo, não é nosso desejo; ao contrário, desejamos tratar de um tempo em que a retórica flanava vivaz pela *pólis*, arrebatava juízos na ágora e era velada por aquele que mais lhe dedicou atenção: Górgias de Leontinos. Seu cuidado para com a retórica não era produto do acaso; ela foi seu único amor. E por isto, por ter olhos somente para ela, que a remodelou profundamente. Não há dúvida sobre o fato de ter sido este o homem que mudou e mesmo revolucionou a elaboração de discursos na Grécia. Tal cuidado e atenção, refletidos em suas percepções sobre o tema, foram considerados tão surpreendentes que a própria construção de um discurso recebeu o nome de *gorgianizar* e falar ao estilo de Górgias tornou-se moda. Provavelmente, a melhor ilustração desta reviravolta discursiva foi sua famosa embaixada a Atenas, onde convenceu seus anfitriões a prestar socorro aos leontinenses, pois estes não conseguiam solucionar suas querelas militares com os siracusanos. Os atenienses ficaram, segundo relatos, maravilhados e não hesitaram em oferecer a ajuda solicitada (Frag. A 4). Feitos desta espécie fizeram com que o impacto discursivo de Górgias fosse comparado por Filóstrato ao efetivado por Ésquilo no teatro (Frag. A 1).⁵

Embora tenha sido unicamente retor, Górgias é comumente associado pela tradição ao movimento sofístico e apresentado como um de seus maiores representantes ao lado do não menos famoso Protágoras de Abdera. Ora, é justamente neste interesse comum para com a linguagem que Górgias poderia ser enquadrado como sofista e é esta mesma característica que, paradoxalmente, não o qualifica como um sofista típico. Górgias, ao contrário dos sofistas, jamais se apresentou como portador de um saber enciclopédico. Tampouco prometia ensinar técnicas que consumassem o sucesso na vida pública. Sua ambição concentrava-se em um único objetivo: forjar oradores. “Essa é a profissão que exerço, não apenas aqui, mas em toda a

⁵ Flávio Filóstrato, historiador romano. Viveu entre 170-244. Em sua *Poética*, IV, Aristóteles afirma: “Foi Ésquilo quem teve a iniciativa de elevar de um para dois o número de atores; ele diminuiu o papel do coro e atribuiu ao diálogo a primazia; o número de três atores e o cenário devem-se a Sófocles”.

parte” (*Górgias*, 449b). É evidente que, numa sociedade como a grega, o bem falar poderia ser considerado muito mais decisivo que um saber enciclopédico. Não que isto fosse dispensável mas, afinal, de que poderia valer uma vasta coleção de saberes se estes não pudessem ser adequadamente comunicados? A comunicação eficiente do próprio saber era o elemento vital para que não apenas o cidadão se fizesse notar mas também o sábio. Nesta perspectiva, uma arte retórica não seria apenas o coroamento de uma educação, mas sim aquilo mesmo que a efetiva publicamente. É ela que permitirá ao cidadão ilustrado transitar com desenvoltura por todos os níveis da *pólis*. É justamente por isto que a retórica se constituía como atividade eminentemente política, ou seja, que acontecia, se efetivava e se justificava no âmbito da *pólis*.

Mas, que escritos de Górgias sobreviveram para testemunhar sua revolução? Ou melhor: suas possíveis teorizações sobre o discurso estão presentes nos escritos que chegaram até nós? Excetuando testemunhos e fragmentos pouco maiores que algumas palavras, o tempo conservou quatro fragmentos de extensão considerável das seguintes obras: o *Tratado do Não-Ser* ou *Da Natureza*, uma *Oração Fúnebre*, uma *Defesa de Palamedes* e um *Elogio de Helena*.⁶ Nestes fragmentos, o espírito de Górgias ainda ressoa com força suficiente para que entendamos seu impacto. Se para eles estivermos abertos, desarmados e sem vícios conceituais, talvez possamos espreitar e, quem sabe, intuir o trato por ele dado à retórica.

Do catálogo de obras acima mencionado, o *Tratado do Não-Ser* é, de longe, o escrito mais filosófico – e famoso – de Górgias. É também o texto responsável por sua fama de niilista. Em si mesmo, o texto é uma longa paráfrase feita por Sexto Empírico⁷ no seu *Contra os matemáticos* e deve, portanto, ser tão exato quanto uma paráfrase possa permitir. Mesmo assim, nele existem elementos suficientes que deixam transparecer o uso hábil dos argumentos na construção do raciocínio. Ademais, tanto por sua constituição como pelo estado em que chegou até nós, tudo indica que o real motivo de sua composição tenha sido, de fato, o de atacar a filosofia eleata. E,

⁶ Refiro-me a fragmentos substanciais que permitem análise. Contudo, entre obras perdidas e fragmentos de extensão ínfima, pode-se fazer um rol de suas obras: *Tratado do Não-Ser* ou *Da natureza*, *Elogio de Helena*, *Defesa de Palamedes*, *Oração fúnebre*, *Olímpico*, *Pítico*, *Elogio aos habitantes de Élis*, *Elogio de Aquiles*, *A arte oratória* e o *Onomástico*.

⁷ Físico e filósofo céptico que viveu no final do séc. II d.C. Existe uma outra versão do *Tratado*, atribuída ao pseudo-Aristóteles. No opúsculo intitulado *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias*, é feito um longo comentário explicativo sobre o *Tratado* de Górgias. Embora não sejam exatamente iguais, as versões de Sexto e do pseudo-Aristóteles são bastante semelhantes.

com efeito, a idéia apresentada por Górgias não deixa de ser um eleatismo às avessas ou mesmo – o que não seria exagero – um eleatismo pervertido.⁸

O desenvolvimento do *Tratado* concentra-se no aspecto ontológico e gnoseológico. Sua preocupação é expor a incapacidade cognitiva dos homens no que tange à captação do ser e a impossibilidade – se por ventura fosse possível captar o ser – de comunicá-lo. Não se trata, portanto, de uma concepção niilista. Tampouco é uma ontologia do não-ser, ou seja, do ser do não-ser, mas sim uma crítica ao dogmatismo dos que pretendem dizer o que o ser é. Mas não é exatamente esta a perspectiva que pretendemos destacar. Do *Tratado* citaremos uma singular passagem que permitirá recolher uma importante percepção de Górgias sobre o discurso e, portanto, sobre a retórica. Diz Górgias:

Na verdade, é com a palavra [λόγος] que identificamos algo, mas a palavra não é nem aquilo que está à vista nem o ser: logo, aos que nos rodeiam, não comunicamos o ser mas sim a palavra, que é diferente das coisas visíveis. Tal como o que é visível não se pode tornar audível e vice-versa, também o ser, porque subsiste exteriormente, nunca se pode transformar na nossa palavra. E, não sendo palavra, não se poderá comunicar a outrem (Frag. B 3, § 84).

Focando a passagem de acordo com nossa predisposição, destacamos dois aspectos decisivos: 1) a clara distinção entre linguagem e objeto e 2) a palavra possui um *télos*, cuja natureza é não somente identificar mas igualmente enunciar o mundo, colocando-o ao alcance de nossa compreensão, mesmo que ela própria seja algo inteiramente diverso daquilo que enuncia (pois linguagem e objeto são distintos). Melhor ainda: o mundo e tudo o mais que o compõe tornam-se possíveis somente *na* palavra e *nela* é que passam a valer. Ademais, se poderia mesmo perguntar: como seria possível ao discurso enunciar o mundo se ele mesmo não fosse distinto do próprio mundo? Se discurso fosse mundo e se mundo fosse discurso, um não se remeteria ao outro. Com Górgias, então, a palavra passa a plasmar o mundo e, a partir disso, ela mesma (e, portanto, a linguagem) é catapultada para um patamar até então inédito no mundo grego. Evidentemente, ao se pensar que tudo o que existe para os homens é o que pode ser plasmado pela linguagem, se quer dizer que, tudo o que existe, existe porque tem nome. O *inominado* simplesmente não existe; mesmo se existir, não pode ser conhe-

⁸ Não se pode, contudo, esquecer ou ignorar a faceta zombeteira de Górgias. Ao final de *Elogio de Helena* ele afirmará que compôs aquele discurso para “divertimento próprio”. Além disso, como todo o *Tratado* não deixa de ser, em última análise, um grande argumento de retorsão, é perfeitamente possível que sua concepção tenha sido regulada, senão pelo espírito zombeteiro, pelo espírito de um puro exercício retórico.

cido. E não pode ser conhecido porque não é percebido. Além disso, a falta de percepção que impede o conhecimento também impede que algo seja enunciado. Pois é o nome, a palavra, o discurso, que faz a compreensão perceber o mundo enunciado. O que está fora da palavra, fora do discurso, em suma, fora do λόγος, é um absurdo.

Por si mesma, esta concepção já teria sido suficientemente revolucionária em sua época para garantir fama ao seu criador. Concepção tão surpreendente foi esta que Heidegger, mais de dois mil anos depois, viria, ao seu modo, a concordar e quase que a repeti-la, quando escreveu que o “λόγος deixa e faz ver (φαίνεσθαι) aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem discorre (*medium*) e para todos aqueles que discursam uns com os outros”.⁹ É neste deixar (pôr, apresentar o mundo) e fazer ver (iluminar o obscuro, as reentrâncias do mundo)¹⁰ que o λόγος tem seu ser. O λόγος é como que o κόσμος da compreensão. Portanto, o discurso, entendido como o veículo no qual o mundo se torna possível para a compreensão humana, é o primeiro indício a ser notado no pensamento retórico de Górgias.

Tendo este indício sido encontrado, podemos deixar o *Tratado do Não-ser* e avançar, agora dirigindo nossa atenção para o discurso intitulado *Oração Fúnebre*. Daqui recolheremos um elemento fundamental para a concepção retórica de Górgias: o καιρός (*kairós*). Antes, porém, é útil observar os contornos da *Oração*.

Com este discurso, o autor visa exaltar a bravura dos soldados atenienses mortos no campo de batalha. Não há certeza se sua composição teria sido o resultado do exercício de técnicas retóricas ou se, de fato, foi pronunciado.¹¹ Seu fraseado é vívido e, até certo ponto, demasiadamente passional. Aliás, isto é um tanto curioso, na medida em que Górgias exalta a capacidade dos soldados de eliminar, mediante a sensatez da razão, a insensatez da força com este mesmo fraseado repleto de passionalidade. A vivacidade passional parece

⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. § 7, B, p. 62-3. É de se destacar, aliás, que uma concepção de λόγος ao mesmo tempo tão similar, leve Górgias e Heidegger a posicionamentos tão conflitantes. O primeiro, desiste imediatamente do ser por julgar impossível captá-lo, ao passo que, o segundo, percorre toda sua vida tentando capturá-lo.

¹⁰ Quanto a este ponto, podemos lembrar Aristóteles. Em sua concepção retórica, metáforas e símiles possuem função vital no discurso, pois colocam *diante dos olhos* uma atualidade complexa ou obscura. Metáforas e símiles permitem visualizar o que o discurso enuncia. Ao mesmo tempo, no *De anima*, III, 431 a 15, está posto que a alma jamais pensa sem imagens. Além disto, Aristóteles considera a própria memória (μνήμη) como impossível sem uma imagem. Sobre isto, ver *Sobre a memória*, 450 a.

¹¹ Se foi realmente pronunciado, a *Oração* parece relacionar-se ou com a guerra do Peloponeso ou com a guerra de Corinto.

querer invocar a sobriedade da razão. Mas o fim para o qual este discurso se dirige é certamente alcançado: a glorificação dos soldados mortos.

Estes, com efeito, são exaltados não apenas por sua coragem, mas também pela sua razão, força, justiça e lealdade aos camaradas. Se nenhuma qualidade faltava a esses guerreiros é pelo fato de que consideravam “ser esta a lei mais divina e universal: falar e calar, fazer e deixar fazer o que se deve no momento devido” (Frag. B 6). Se estes guerreiros realmente possuíam esta qualidade ímpar ou se Górgias deliberadamente neles a enxertou tendo em vista o louvor, não é algo tão importante. O que se afigura como decisivo é que esta é a única passagem de seus escritos remanescentes onde a idéia de *καιρός*, o momento oportuno, é mencionada. No entanto, Dionísio de Halicarnasso, ao afirmar que “nenhum retór ou filósofo estudou a fundo a arte da oportunidade, nem mesmo Górgias de Leontinos, o primeiro que se dedicou a escrever sobre este assunto, escreveu algo digno de menção” (Frag. B 13) parece não deixar dúvidas de que uma teorização sobre o tema foi realizada por Górgias. Onde teria sido depositada tal reflexão, porém, não se sabe.

É provável que jamais venhamos a saber ao certo a extensão e profundidade das reflexões de Górgias sobre o *καιρός*, até mesmo porque, como afirmamos, é apenas na *Oração fúnebre* que ocorre a menção ao *καιρός* e seu conteúdo, distribuído em ínfimas vinte e três linhas não permite maiores inferências. Mesmo assim, o fato mesmo de Górgias ter realizado tal reflexão já é algo notável. Embora seja quase irresistível não pensar na possibilidade de relacionar o *καιρός* a alguma ontologia gorgiânica sobre o tempo, importa aqui pensar que tal idéia representa mais uma revolução no que diz respeito ao discurso. Antes de qualquer coisa, um discurso orientado pelo *καιρός* é um discurso na oportunidade, isto é, na ocasião própria sobre algo próprio. Este princípio faz com que, inevitavelmente, o discurso gorgiânico se regule pelos fatos do mundo, opondo-se a qualquer discurso que pretenda manter-se puro em uma esfera transtemporal e que autonomamente pretenda regular ou explicitar o mundo de sua própria esfera independente. Como poderia, aliás, um discurso enunciar o mundo, torná-lo visível, sem mesmo se deixar afetar pelo mundo? Nos limites dessa racionalidade, não se poderia cogitar, por exemplo, um discurso que afirmasse, de modo categórico, que justiça é ‘x’ e que o conceito de justiça, agora cristalizado, possa se aplicar a *todos* os casos, *todos* os povos, *todos* os tempos. Não; um fato novo ao conceito – e por isso mesmo não contemplado anteriormente por ele – sempre pode surgir. Discursar *oportunamente* é essencialmente discursar com os fatos do mundo.

A intuição do *καιρός* como senso de oportunidade regulador do discurso revela-se ainda mais surpreendente por possuir uma função bastante similar com aquilo que Aristóteles mais tarde viria a configurar como *tópico*.¹² O *καιρός* mencionado por Górgias não reflete, absolutamente, algum oportunismo interesseiro e conveniente; reflete, isto sim, uma situação própria pela qual o discurso deve se orientar. E é da alçada do retor possuir o espírito suficientemente apurado para verificar as várias oportunidades, as várias *circunstâncias* de uma situação para bem construir seu discurso.

A perspectiva do *καιρός* fica bastante evidente em um discurso que sobreviveu *in extenso*: *Defesa de Palamedes*. É este o mais dinâmico e ritmado discurso sobrevivente de Górgias. Seu objetivo? Representar a fala de auto-defesa de Palamedes perante o tribunal.¹³ Este discurso encerra passagens ilustrativas sobre a aplicação do *καιρός* e com ele agora nos ocuparemos, apresentando duas destas passagens. Estas passagens, que pensamos ser exemplares, deverão esclarecer a funcionalidade do *καιρός*.

O primeiro elemento que se deve considerar é a estrutura do discurso. Toda a estrutura da *Defesa de Palamedes* é orientada pela questão da injustiça – esta, podemos dizer, configura o tópico – e é próprio do retor perceber as possibilidades argumentativas deste caso justamente através das oportunidades discursivas que justiça e injustiça oferecem. “Uma acusação não demonstrada provoca um espanto evidente e, por causa desse espanto, o discurso fica forçosamente bloqueado se eu nada descobrir a partir da própria verdade e da presente situação de constrangimento, perante mestres mais perigosos do que inventivos” (Frag. 11 a, § 4). Esta passagem reflete a conexão imprescindível entre mundo e discurso. A oportunidade discursiva deve ser buscada no fato vivido, isto é, na acusação não demonstrada que motiva o próprio discurso. É para não ser vitimado por alguma espécie de bloqueio que o discurso se volta para a *presente situação* de constrangimento, desencadeada pela acusação não demonstrada. O único preceito extra discursivo é a atitude de se voltar para a própria situação.

¹² Aristóteles não define com precisão o que é exatamente um tópico, nem mesmo em sua obra *Tópicos*. Sua melhor definição está na *Retórica*, 1358 a, onde ele dirá que tópicos são os assuntos comuns à ética, política, física e outras disciplinas. De modo geral, um tópico é o lugar onde a relação entre os conceitos têm sua possibilidade de articulação efetivada. Assim, p. ex., o tópico de *causa*, que pode estar presente tanto em estudo sobre física como em um estudo sobre política.

¹³ De acordo com a tradição grega, Ulisses havia simulado loucura para não participar da guerra de Tróia. Palamedes desmascarou-o e Ulisses, não esquecendo o fato, tramou uma cilada para Palamedes que veio a culminar na morte deste na mesma guerra. O acontecimento acabaria por assumir forma exemplar da morte injusta.

Ora, o movimento para a própria circunstância é subsidiado pelo senso de oportunidade. É ele, o *καίρως*, que permitirá a Górgias operar com um outro tópico que é, a saber, o da necessidade. Com efeito, Palamedes, de acordo com o discurso, acaba tendo o reconhecimento de seu acusador tanto por sua engenhosidade, habilidade e inventividade mas, também, por sua loucura, caracterizada por uma suposta traição à Grécia. “E contudo, de que forma há-de ser forçoso acreditar num homem que, no mesmo discurso sobre a mesma pessoa, afirma a respeito dela duas coisas tão opostas?” (Frag. 11 a, § 25). A questão é simples: não pode haver duas verdades simultâneas sobre uma mesma questão. Ou Palamedes é culpado ou Palamedes não é culpado. Mas a ‘simplicidade’ não acaba aqui; não havendo necessidade, simplesmente não há causalidade no que é dito e, não havendo causalidade, não há fundamento para a acusação apresentada. Não há causa evidente para a acusação. Deste modo, ela é automaticamente rebaixada para o patamar da mera impressão pessoal do acusador. E este, convém que não esqueçamos, preocupa-se unicamente com seu desejo de vingança.

Que tu não conheces bem aquilo de que me acusas, torna-se assim evidente. Resta então dizer que, não sabendo, inventas. Então tu, ó mais audacioso dos homens, baseando-se na opinião, que é a coisa menos digna de fé, e desconhecendo a verdade, ousar condenar um homem à morte? Como sabes que ele praticou tal ação? Com certeza que é dado a todos formar uma opinião a respeito de tudo, e nisso tu em nada és mais sábio do que os outros. Nem é nos que julgam que sabem que convém depositar confiança, mas nos que sabem; nem há de dar mais crédito à opinião do que à verdade, antes pelo contrário, há que dar mais crédito à verdade do que à opinião (Frag. 11 a, § 24).

Seria natural que, após rebaixar a acusação ao nível da impressão pessoal do acusador, este fosse igualmente lançado a uma situação embaraçosa, pois a mera impressão pessoal é *δόξα*, é opinião, e opinião é algo destituído de necessidade e verdade. Como, afinal de contas, uma acusação embebida na opinião poderia vingar? O essencial a ser percebido é que a argumentação se estrutura e assume sua forma a partir do *καίρως*. É a situação específica vivida por Palamedes que permite a Górgias pensar e argumentar que o acusador nem mesmo de uma acusação verdadeira dispõe. E isto depõe ainda mais contra Ulisses; tão cego de ódio ele estava, tão obcecado estava em seu desejo de vingança que sua falsa acusação, inconsistente devido à paixão, revela, finalmente, sua má-fé e, portanto, seu caráter pérfido. Inocente, é o veredicto.

Do que até aqui se viu, o *καίρως* é formalmente válido para qualquer discurso como elemento ordenador mas sempre assume o conteúdo espe-

cífico de uma situação específica, pois a oportunidade de cada situação é própria e única. Este é, portanto, um novo indício sobre o pensamento retórico de Górgias: *καίρως* é princípio ordenador mas é, acima de tudo, um princípio formal. Sua aplicação efetiva depende da recolha dos dados da situação ou circunstância para que sua eficiência de fato se concretize. Da *Defesa de Palamedes* podemos, ainda, extrair um novo indício sobre a ordenação do discurso. Ao seu fim, Górgias alude a consagrada regra da recapitulação do conteúdo do discurso quando este se aproxima do fim. Neste caso, não haverá recapitulação pois os ouvintes são por demais qualificados e recapitular seria *duvidar* da capacidade de atenção e apreensão dos ouvintes. Embora isto seja antes uma vênia do que qualquer outra coisa, é sugestivo a menção de Górgias quanto a recapitulação como parte constituinte do discurso retórico. Se este recurso não foi aqui empregado é porque a qualificação do auditório dispensava tal movimento. A partir disto, podemos inferir que a recapitulação não era estranha ao pensamento de Górgias.¹⁴

O poder ordenador do *καίρως* se faz ainda mais evidente em outro discurso de Górgias que nos chegou *in extenso*: o *Elogio de Helena*. Uma vez mais, um aspecto da tradição grega é resgatado para dar vida ao discurso, cujo objetivo é isentar Helena da culpa de ter sido ela a causadora da guerra de Tróia.¹⁵ Este encômio, aliás, encerra preciosas observações de Górgias sobre o discurso e sua constituição. Ao se propor a tarefa de defender Helena, Górgias não apenas se move através de um aspecto da tradição grega. Sua apologia pretende colidir com a tradição, trincá-la e, até mesmo, sugerir-la sob nova perspectiva.

Ao mesmo tempo, a elaboração de uma defesa pode assumir tantas peculiaridades e ser tão variável quanto as várias pessoas que podem se dispor a assumir tal defesa. No caso de Górgias, toda sua elaboração decorre da concepção do *καίρως*. Contudo, antes de qualquer coisa, a introdução do encômio apresenta a idéia de uma ortologia, de um discurso correto. “O ordenamento dum cidade está na coragem dos seus cidadãos, o dum corpo na sua beleza, o dum alma na sua sabedoria, o dum ação na sua excelência e o dum discurso na sua verdade. O contrário será o caos” (Frag. 11, § 1). Se a correção do discurso reside no seu ordenamento, em sua própria

¹⁴ A recapitulação não é um movimento acessório, mas sim a própria chancela do discurso no espírito. Platão a chamou de peroração (*Fedro*, 267 d) e Aristóteles de epílogo (*Retórica*, 1419 b).

¹⁵ De acordo com a tradição grega, a guerra de Tróia fora causada pelo fato de Helena ter abandonado seu marido Menelau para ficar com Páris, filho do rei de Tróia.

constituição, vê-se o quão importante será a capacidade de se perceber as oportunidades residentes em cada situação. No caso presente, a verdade do discurso, ou a verdade a que se propõe este discurso, está em inocentar Helena e esta verdade somente virá à tona devido seu ordenamento e este, por sua vez, é regulado pelo senso de oportunidade, o *καιρός*. É por isto que Górgias pode escrever: “O que eu pretendo, ao dar uma lógica ao discurso, é libertar da culpa quem sofre de tão má reputação, desmascarar os que pela calúnia enganam e, mostrando a verdade, fazer cessar a ignorância” (Frag. 11, § 2). Uma vez mais, a lógica deste discurso é regulada pela situação específica a que se refere.

O senso de oportunidade faz o retor perceber e avaliar as várias possibilidades para que Helena tenha agido do modo como agiu e, a partir da análise destas possibilidades, elabora seu discurso. Antes de entrar no mérito, a beleza da protagonista do conflito é mencionada. Beleza de ascendência divina (Frag. 11, § 3), ela mesma já deveria se afigurar como possível motivo causador de atitudes irrefletidas por parte de homens mais ansiosos. Tal fato, contudo, já era conhecido e não haveria necessidade de insistir neste ponto, mesmo porque, o “dar-se informações a quem já está informado traz credibilidade mas não propicia prazer” (Frag. 11, § 5).

É importante destacar esta sutileza. Mencionar os belos e harmoniosos traços de Helena não é simplesmente um movimento supérfluo (na medida em que isto já era sabido por todos); pelo contrário, tal alusão tem como propósito afirmar a idéia de que a argumentação vindoura baseia-se em algo realmente novo. O surpreendente é que esse algo novo que a argumentação visa apresentar é entrelaçado com conceitos bastante familiares aos gregos. “Foi certamente pelos desígnios do Destino, pelas resoluções dos deuses e pelos decretos da Necessidade, que ela fez o que fez, quer tenha sido levada à força, convencida pelos discursos, ou arrebatada pelo Amor” (Frag. 11, § 6). Estas são, para Górgias, as únicas causas possíveis para o ato do qual Helena era acusada. A relevância do *καιρός*, aqui, é extrair o extraordinário do ordinário que, neste caso, se manifesta através dos familiares conceitos de destino (*τύχη*) e necessidade (*ἀνάγκη*).

Todo o desenvolvimento da defesa de Helena decorre desta premissa. Seria, contudo, algo simplório inocentar a grega culpando o destino ou a necessidade. Deter o discurso neste ponto seria uma trivialidade, pois é simplesmente impossível lutar contra a Necessidade ou o Destino. Do mesmo modo, a vontade divina é infinitamente mais poderosa que a vontade humana; se não fosse mais poderosa, nem mesmo poderia ser divina. “O mais forte comanda e o mais fraco vai atrás. A divindade é mais pode-

rosa que o homem, tanto na força como na sabedoria e em tudo o mais” (Frag. 11, § 6).¹⁶ Este raciocínio é fundamental, pois embasa o seguinte para, em seguida, com ele se mesclar: se Helena agiu como agiu por ser fisicamente mais fraca que Páris, se, por ser mais fraca não lhe seria possível impedir a atitude violenta e se o mais forte comanda e o mais fraco vai atrás, Helena não poderia, mesmo se desejasse, evitar o desfecho. Também por este viés Helena não pode ser condenada, pois é “evidente que procedeu injustamente quem a raptou e ultrajou, enquanto ela teve a infelicidade de ser raptada e ultrajada. Logo, é o bárbaro que se lançou a esta bárbara empresa que merece ser responsabilizado pelo discurso, pela lei e pela ação” (Frag. 11, § 7).

A grande trama da argumentação, contudo, se dá na possibilidade restante: ter sido Helena seduzida pelo discurso. É nesse ponto, também, que surgem outras percepções de Górgias sobre o discurso. “O discurso é um senhor soberano que, com um corpo diminuto e quase imperceptível leva a cabo ações divinas. Na verdade, ele tanto pode deter o medo como afastar a dor, provocar a alegria e intensificar a compaixão” (Frag. 11, § 8). Como anteriormente, a possível causa da ação é caracterizada como uma causa irresistível. Mas, agora, a grande novidade é que a força motriz do polêmico ato é o discurso. Não um discurso qualquer, mas um discurso construído que visa o fim específico para o qual ele se propõe. E frente a um discurso assim pensado e construído, nem Helena nem qualquer outra pessoa parecem ter forças para resistir. O que o torna, de fato, um senhor soberano, é sua capacidade de pôr em movimento os ânimos de quem por ele é afetado. Afetar e mover os ânimos é afetar o receptor do discurso integralmente. O efeito do discurso gorgiânico é o contrário exato do efeito produzido pelo olhar das górgonas; este imobiliza, aquele põe em movimento.

O decisivo movimento produzido pelo discurso não é, obviamente, de ordem motora. Trata-se, isto sim, de trazer o ouvinte para si, ou seja, fazer com que o ouvinte passe a comungar com o discurso que lhe é transmitido. O movimento proposto é a mudança do juízo. A transmissão do que é dito e sua conseqüente aceitação não pode, contudo, se dar em uma única estocada ou de modo instantâneo. “Eu concebo e designo igualmente toda a poesia como um discurso com ritmo. Um temor reverencial, uma comovida compaixão e uma saudade nostálgica insinua-se nos que a ouvem.

¹⁶ No diálogo *Górgias*, 483 d, Cálicles afirma: “o mais poderoso deve dominar o mais fraco e gozar as vantagens da sua superioridade”. O mesmo Platão, no livro I da *República*, faz outra personagem, o sofista Trasímaco, defender ponto de vista semelhante.

Por intermédio das palavras, o espírito deixa-se afetar por um sentimento especial, relacionado com sucessos e insucessos de pessoas e acontecimentos que nos são alheios” (Frag. 11, § 9). O discurso, seja ele qual for, afeta seja qual for o espírito. Em vista disso, um discurso preparado de modo especial parece poder afetar de modo igualmente especial seu receptor. O discurso parece poder ser capaz de atravessar todos os *poros* para atingir o espírito em cheio, tal qual uma flecha. O discurso, esse corpo diminuto mas de informação concentrada, pode afetar de modo tão profundo que altera a percepção do receptor sobre aquilo que lhe é enunciado. Nesta alteração floresce algo que lhe altera o mundo e o juízo, tornando-os comuns ao discurso enunciado. Floresce a persuasão.

Na passagem acima mencionada, Górgias alarga consideravelmente o entendimento sobre a poesia ao declarar que o ritmo a constitui e lhe caracteriza. Nesta perspectiva, o seu *Defesa de Palamedes* é um excelente poema pois ritmo é justamente o que não lhe falta. Sua alusão ao ritmo pode nos fazer inferir que o discurso deve pulsar no ritmo do receptor, desenvolver-se sincronicamente com ele.¹⁷ Embora isto faça sentido, tal concepção por parte de Górgias reflete apenas seu grande entusiasmo pela prosa e o desejo de elevá-la a um patamar tão bem conceituado quanto aquele no qual a poesia já estava tão bem assentada. Mais importante é sua intuição de que um discurso ritmado possui a singular capacidade de preparar melhor sua própria recepção por parte do ouvinte. Um discurso linear e constante *anestesia*, digamos, a capacidade de recepção.¹⁸ Por isso, muitas vezes, a capacidade de improvisar pode ser simplesmente decisiva e mais uma vez Górgias parece ter sido o primeiro a dar-se conta da importância do improviso para uma boa comunicação (Frag. A, § 1a).

Ao mesmo tempo, o discurso deve, se não partir de uma pré-compreensão, trazê-la em si, de modo que os ouvintes possam identificá-la, pois esta pré-compreensão é fundamental para a melhor recepção do discurso. Ora, nada mais elementar ao homem que suas próprias impressões. Um intróito que enuncia reações a impressões comuns como sucesso-insucesso, ventura-desventura, atividade-passividade, etc., faz despertar o sentimento adequado ao tema. Assim, por exemplo, se um discurso versa sobre a temática ‘casamento’, é conveniente despertar o sentimento de confiança

¹⁷ É exatamente por causa disto que as tematizações sobre a retórica em Platão e Aristóteles darão especial atenção ao conhecimento da alma. Se conheço a alma, posso construir um discurso que a afetará mais eficazmente.

¹⁸ Não se esqueça que o pensamento Górgias gravitava em torno da ágora, ou seja, eram discursos preparados para que fossem ouvidos e não lidos.

ou desconfiança, cortesia ou descortesia ou quaisquer outros sentimentos similares. Também aqui o *καίρως* tem importante papel ao se configurar como recurso capaz de verificar qual sentimento é o mais compatível com o tema em discussão. É por isso que “os discursos harmoniosos, inspirados pelos deuses, provocam uma sensação de bem-estar, dissipando a tristeza. A força da palavra-mágica, convivendo com a opinião do espírito, fascina-o, convence-o e transforma-o por encantamento” (Frag. 11, § 10). O grande discurso não apenas coloca em movimento o juízo, mudando-o, mas também o modifica de modo prazeroso; e o prazer se dá, fundamentalmente, na nova compreensão surgida sobre aquilo que enuncia o discurso. Conhecer algo novo é prazeroso. É assim que, havendo a mudança de juízo, consuma-se o objetivo máximo do discurso, ou seja, a persuasão.

De fato, no que respeita à persuasão, esta não é de modo algum apenas parecida com a necessidade, mas possui a mesma força. É que o discurso persuasor da mente, persuade-a, força-a tanto a acreditar no que foi dito como a consentir no que é feito. Portanto, é quem persuade que é culpado de prática de violência, ao passo que a que foi persuadida, porque constringida pelo discurso, é, sem razão, objeto de má reputação (Frag. 11, § 12). Poderia Helena resistir?

Tal passagem é exemplar. Na medida em que ela é compreendida dentro do propósito do discurso apresentado por Górgias, que é mudar o juízo sobre o ato de Helena – e, portanto, inocentá-la – trata-se de algo perfeitamente natural. Por outro lado, alguém poderia argumentar que Górgias, na qualidade de retor e produtor de discursos, pratica tanta violência quanto aquele que seduziu Helena (se esta foi seduzida por um discurso). E tal argumento não seria absurdo pois o retor ainda afirma que,

(...) assim como certos medicamentos expulsam do corpo certos humores, suprimindo uns a doença e outros a vida, do mesmo modo, de entre os discursos, uns há que inquietam, outros que encantam, outros que atemorizam, outros que incutem coragem no auditório, outros ainda que, mediante uma funesta persuasão, envenenam o espírito. (Frag. 11, § 14)¹⁹

¹⁹ Sobre a relação entre medicina e discurso ver *Górgias*, 456 b. Cabe ressaltar que a relação (metafórica ou não) entre medicina e linguagem aqui mencionada, combinada com o uso de expressões como ‘inspirados pelos deuses’, ‘força da palavra-mágica’ e ‘encantamento’ no §10, também pode indicar algum contato de Górgias com o filósofo (e místico) Empédocles de Ácragas. Segundo Diógenes Laércio (VIII, 58), Górgias teria não apenas testemunhado Empédocles a praticar sortilégios mas também teria sido seu discípulo. Em vista disso, a capacidade do discurso ser um corpo diminuto capaz de atravessar os poros não é mero malabarismo lingüístico, pois é conhecida a importância dos poros no pensamento de Empédocles. Além do próprio Diógenes Laércio, também Platão sugere uma ligação mais

Pode ser que haja violência; no entanto, é importante destacar que tal argumento insere-se em um plano moral e a moral, para Górgias, não relaciona-se com a manufatura de discursos. Ou melhor: a retórica, entendida como *técnica* para fabricação de discursos, não encerra em si mesmo moral alguma. Nem mesmo poderia. A retórica, defende-se Górgias, “deve ser usada com justiça. Portanto, entendo que, se um homem adquire uma preparação retórica e depois se serve deste poder e desta arte para praticar o mal, não há o direito de odiar e desterrar da cidade aquele que o ensinou” (*Górgias*, 457 b). De fato, condenar um mestre retórico por algum de seus alunos elaborar discursos odiosos seria o mesmo que condenar um professor de química por ter ensinado algum aluno a manipular certas substâncias e este, depois de apropriar-se de tal conhecimento, manufaturar, por exemplo, armas químicas. Do mesmo modo como se deve condenar o mau químico e não a química, deve-se condenar o mau retórico e não a própria retórica. Mas, para além desta perspectiva, a retórica, mesmo que opere com regras, tem espaço para a inventividade, para a criação livre, para a superação, mesmo que momentânea, de suas próprias regras. Por isto, além de uma técnica, a retórica também é arte. É no espaço retórico que a lida com as palavras ou com a linguagem pode assumir-se e postar-se com arte. E Górgias, indiscutivelmente, era um artista do discurso. Uma arte que se autocensura ou impõe a si mesma preceitos morais é sempre suspeita.

O fato é que o *Elogio de Helena*, devido sua inusitada conclusão, constitui-se, ainda, no discurso mais intrigante de Górgias.

Com este discurso afastei a ignomínia que pesava sobre uma mulher e permaneci fiel ao objetivo que fixei no início do discurso; tentei destruir a injustiça duma censura e a ignorância duma opinião; quis fazer deste discurso um elogio para Helena e um divertimento para mim. (Frag. 11, § 21)²⁰

Galhofa? Mesmo que seja, isto em nada invalida a perspicácia dos raciocínios e seu firme trançado. Ao mesmo tempo, se não for uma galhofa, os raciocínios continuam perspicazes e seu trançado se mantêm igualmente firme. E talvez seja exatamente nisto que reside o verdadeiro gracejo (caso tenha ocorrido o gracejo).

estreita entre o pensamento de Empédocles e Górgias (*Menon* 76 a). Finalmente, como ambos eram sicilianos, é perfeitamente possível tal ligação.

²⁰ É curioso que na *República*, 376 d, onde Platão discute a relação entre educação, música e ginástica, esteja colocado o seguinte: “Eduquemos estes homens em imaginação, como se estivessemos a inventar uma história e como se nos encontrássemos desocupados”. Terá sido a reflexão posterior originada por algum desejo de recrear ou divertir o espírito? Se sim, isto em nada invalida a perspicácia dos raciocínios platônicos e seu firme trançado. Se não, os raciocínios continuam perspicazes e seu trançado se mantêm igualmente firme.

Seja como for, neste encômio subsistem, se não as mais significativas, pelo menos as mais explícitas percepções de Górgias sobre o discurso. Jocosas ou não, é o que dele sobreviveu. Mesmo assim, em combinação com os outros fragmentos que chegaram até nós e com a doxografia, é impossível não reconhecer o impacto e a transformação desencadeados por Górgias. A palavra que plasma o mundo e torna-o possível no discurso é uma grande conquista para o futuro do próprio discurso pois, agora, este enuncia e propõe o mundo. Sua intuição do *καίρός* como regulador do discurso é também notável. É ele, igualmente, co-autor (ao lado do talento) da harmonia, da beleza e do prazer que o discurso inspirado pode proporcionar. Suas metáforas e a primazia do ritmo sobre o metro²¹ indicam a vitória da prosa sobre a poesia. Melhor: surge agora, para Górgias, a verdadeira poesia.

Diante disto, pode-se perguntar: o que, então, Górgias terá sido? Retor ou poeta? Esta não é uma pergunta secundária; ao contrário, é a que define a questão. E a resposta é que Górgias é tanto retor quanto poeta. Mas apenas porque, primordialmente, Górgias é “poiético”. Antes de qualquer outra significação, *ποίησις* é produção e criação. Portanto, de uma maneira mais original, será *poeta* qualquer produtor de discursos. É em virtude disto que, por exemplo, a idéia de Horácio, expressa posta em sua *Arte poética*, de que o verdadeiro poeta deve dominar cada tipo de gênero literário se justifica. O verdadeiro poeta deve poder transitar por qualquer gênero de escrita e qualquer gênero de escrita sempre comportará a retórica. Como diz Nietzsche, “o que se chama ‘retórica’, para designar os meios de uma arte consciente, estava já em ato, como meios de uma arte inconsciente, na linguagem e no seu devir, e mesmo que a retórica é um aperfeiçoamento (*Fortbildung*) dos artifícios já presentes na linguagem. Não existe de maneira nenhuma a ‘naturalidade’ não-retórica da linguagem à qual se pudesse apelar: a linguagem ela mesma é o resultado de artes puramente retóricas”.²² Por isto, agora surge, para Górgias, a verdadeira poesia.

[recebido em outubro de 2004]

²¹ Na *Poética*, I, Aristóteles afirma: “Costuma-se dar esse nome mesmo a quem publica matéria médica ou científica em versos, mas, além da métrica nada há de comum entre Homero e Empédocles; por isso o certo seria chamar poeta ao primeiro e, ao segundo, antes naturalista do que poeta. Semelhantemente, quem realizasse a imitação combinando todos os metros, como Querêmon na rapsódia Centauro, mesclada de todos os metros, também devia ser chamado poeta”.

²² NIETZSCHE, Friedrich. *Da retórica*, p. 44-5.

- ARISTÓTELES. *Poética*. In: A poética clássica. Tradução de Jaime BRUNA. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 19-52.
- GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos*. Tradução, comentário e notas de Manuel José de Souza BARBOSA e Inês Luisa de Ornellas e CASTRO. Lisboa: Edições Colibri, 1993. Edição Bilingüe Grego - Português.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá CAVALCANTE. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Parte I.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Da retórica*. Prefácio e tradução de Tito Cardoso da CUNHA. 2ª.ed. Lisboa: Passagens, 1999.
- PLATÃO. *Górgias*. Introdução, tradução do grego e notas de Manuel de Oliveira PULQUÉRIO. Lisboa: Edições 70, 1992.
- _____. *República*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria Helena da Rocha PEREIRA. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.